

## À sombra do juazeiro: considerações sobre a fitotoponímia da Bahia<sup>1</sup>

### In the shadow of the juazeiro: considerations on Bahia phytotponymy

Clese Mary Prudente CORREIA\*  
Celina Márcia de Souza ABBADE\*\*

---

**RESUMO:** Ilustra-se, neste estudo, a tendência, na toponímia brasileira, de considerar os recursos vegetais como a fonte de maior inspiração para a nomeação de acidentes humanos, tomando por base os designativos dos seguintes municípios do estado da Bahia: Angical, Buritirama, Camaçari, Cansanção, Ibirapitanga, Juazeiro, Mucugê, Pau Brasil, Quixabeira, Umburanas e Xique-Xique. A escolha desses topônimos relaciona-se ao fato de apresentarem uma forte relação entre a espécie vegetal e o bioma onde o município se insere. Para a análise do *corpus*, foram utilizados os pressupostos da taxionomia proposta por Dick (1990) para um trabalho toponímico, com o propósito de demonstrar que, ao se deslocar do sistema lexical e assumir caráter denominativo, um signo comum e arbitrário de língua conecta-se de forma permanente ao lugar representado.

---

**ABSTRACT:** This study illustrates the tendency, in Brazilian toponymy, to consider plant resources as the greatest inspiration source for naming human accidents, based on the names of the following municipalities in the state of Bahia: Angical, Buritirama, Camaçari, Cansanção, Ibirapitanga, Juazeiro, Mucugê, Pau Brasil, Quixabeira, Umburanas and Xique-Xique. The choice of these toponyms is related to the fact that they present a strong relationship between the plant species and the biome where the municipality is located. The taxonomy proposed by Dick (1990) for a toponymic work was used for the analysis of the corpus with the purpose of demonstrating that, when it moves from the lexical system and assumes a denominational character, a common and arbitrary sign of language is permanently connected to the place represented.

---

---

<sup>1</sup> Esse estudo é parte da pesquisa *Bahia de Todos os Cantos e Recantos: marcas identitárias e culturais na Toponímia da Bahia*, desenvolvida e concluída no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Língua e Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob a orientação da Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade, e insere-se no macro projeto ATOBAH – Atlas Toponímico da Bahia, em desenvolvimento no NEL – Núcleo de Estudos Lexicais.

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC-UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-6629>. [cleseprudente@gmail.com](mailto:cleseprudente@gmail.com)

\*\* Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade do Estado da Bahia – PPGEL/UNEB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6485-277X>. [celinabbade@gmail.com](mailto:celinabbade@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica. Toponímia. Fitotopônimos. Municípios baianos.

**KEYWORDS:** Onomastics. Toponymy. Phytotoponymy. Bahian municipalities.

---

## 1 O signo toponímico: entre a arbitrariedade e a motivação

À sombra do juazeiro, considerada a árvore-mãe do sertão, no ponto da passagem de cruzamento das duas velhas estradas: a fluvial, representada pelo Rio São Francisco, e os caminhos terrestres das bandeiras, surgiu, pelos fins do século XVII, um dos mais importantes núcleos urbanos do interior nordestino: a cidade baiana de Juazeiro. Com a nomeação do povoado, um primitivo aldeamento indígena transformado em missão religiosa, o nome comum da árvore protetora foi elevado à categoria de nome próprio e, com função toponímica, passou a identificar e representar o local nomeado.

Ainda que em termos de língua o signo escolhido seja um designativo vocabular comum e arbitrário<sup>2</sup>, por ser um signo onomástico, ao se deslocar do sistema lexical e assumir caráter denominativo, conectou-se de forma permanente ao lugar representado. E assim, como defende Dick (2007, p. 144), por um “processo metonímico de interpretação, o designativo toponímico que é, conceitualmente, um signo de língua, com forma expressiva e um conteúdo unívoco ou biunívoco”, incorporou as características do espaço que passou a nomear.

Entende-se assim, como Seabra (2006), que uma palavra, ao ser levada à função de nome próprio, tornando-se objeto de estudo da Onomástica, pressupõe a existência de um nomeador e um nomeado, ou seja, de representações externas à língua. Tal processo, característico tanto da Antroponímia, que estuda os designativos pessoais, quanto da Toponímia, que estuda os locativos, permite que o nome próprio seja

---

<sup>2</sup> A caracterização do signo linguístico como arbitrário foi feita por Saussure (1995 [1916], p. 119), por considerar a inexistência de uma relação preestabelecida entre o conceito e a imagem acústica, ou seja, entre o significado e o significante.

cristalizado, o que faz com que possa ser transmitido às gerações posteriores, às vezes, sem sofrer alterações.

Além de testemunhar a história de uma cultura, a Toponímia muitas vezes sobrevive a ela. Desse modo, é possível que o frondoso juazeiro, causa nominativa do acidente humano, não exista mais. Assim acontece com signos toponímicos, semanticamente motivados no ato de nomeação, que podem, com o tempo, perder essa referência e se tornarem termos opacos de significação arbitrária, sem relação reconhecida com o espaço agora designado. Quando, por exemplo, um local recebe o nome de uma espécie de planta muito comum na região que, pela ação de processos de exploração descontrolada, entra em extinção, a causa nominativa do signo deixa de ser reconhecida pela população local e perde o seu sentido original. Nesse caso, como defende Claval (2014), cabe à toponímia linguística reencontrá-lo.

Nessa perspectiva, reconhecendo a importância dos vegetais para o homem e para os animais, entende-se porque esses recursos representam a fonte de maior inspiração para a nomeação tanto de acidentes físicos como humanos, configurando-se como uma tendência nacional da toponímia brasileira, como afirmam Isquerdo e Tavares (2005), e motivada, em sua maioria, “pela abundância da espécie na localidade e/ou até mesmo pela presença significativa de alguma em particular que sirva de ponto de referência para a identificação da localidade” (ISQUERDO, 1997, p. 38).

Essa tendência foi comprovada em pesquisa desenvolvida com os topônimos de municípios baianos presentes na *Enciclopédia de Municípios Brasileiros*<sup>3</sup>. Identificou-se, no estudo realizado, uma predominância de fitotopônimos<sup>4</sup>, designativos relacionados aos recursos vegetais da região, o que evidencia a importância da

---

<sup>3</sup> Obra composta de 36 volumes, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no período entre 1957 e 1968, contendo informações específicas de cada município brasileiro.

<sup>4</sup> Dos 98 topônimos de natureza física encontrados no *corpus* estudado, 24 foram classificados como fitotopônimos, seguidos de 23 hidrotopônimos, 20 geomorfotopônimos e 17 zootopônimos, entre os de maior incidência.

vegetação para os estudos que envolvem a paisagem física, como já reconhecia Humboldt em 1807:

Apesar de uma paisagem geográfica ser formada por um conjunto de fatores externos como o contorno das serras, o aspecto e a forma das plantas e dos animais, o azul do céu, as formas das nuvens, a visibilidade e a transparência do ar, não se pode negar que o fator determinante da paisagem é a cobertura vegetal (HUMBOLDT *apud* DICK, 1990).

Neste artigo, pretende-se ilustrar essa tendência da toponímia brasileira, relacionando nomes comuns de espécies vegetais nativas, algumas em processo de extinção, que, assumindo a função toponímica, passaram a identificar e representar os seguintes municípios do estado da Bahia: *Angical, Buritirama, Camaçari, Cansanção, Ibirapitanga, Juazeiro, Mucugê, Pau Brasil, Quixabeira, Umburanas e Xique-Xique*. A escolha desses topônimos para ilustrar essa análise relaciona-se ao fato deles apresentarem uma forte relação entre a espécie vegetal que representa a causa nominativa do topônimo e o bioma<sup>5</sup> onde o município se insere.

## 2 Aspectos fitogeográficos da Bahia: a Caatinga, o Cerrado e a Mata Atlântica

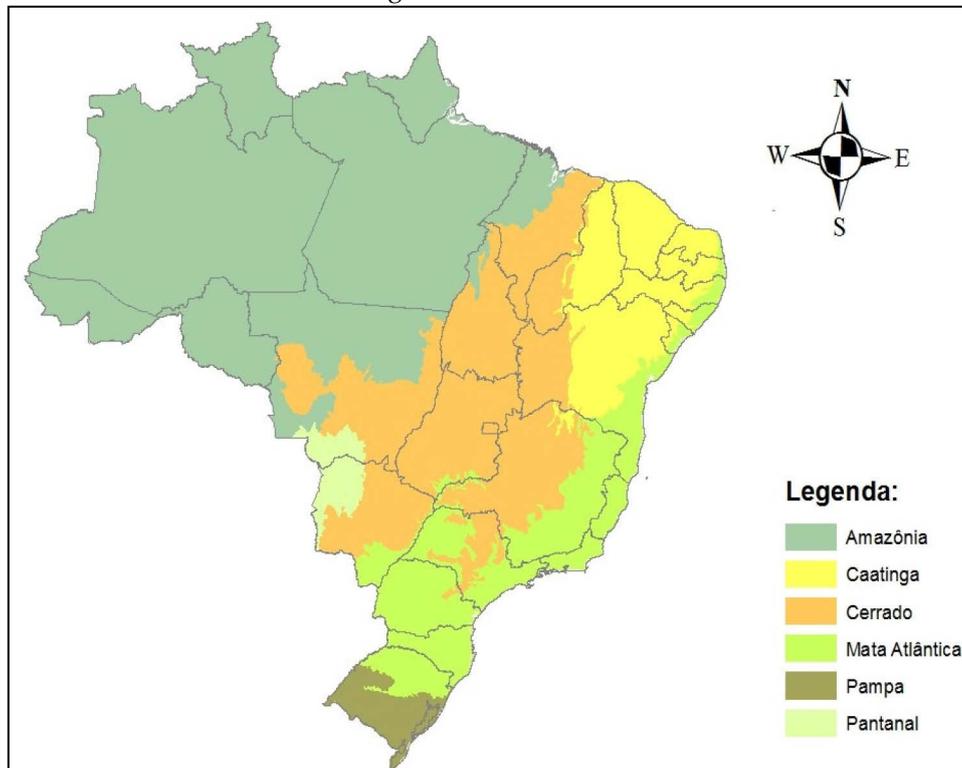
Fitogeograficamente, a Bahia possui três grandes formações vegetais: a caatinga, a floresta tropical úmida e o cerrado. Localizada em toda a região norte, na área da depressão do São Francisco e na serra do Espinhaço, a caatinga constitui-se a vegetação predominante no Estado (aproximadamente 64%), deixando para o cerrado apenas a parte ocidental (16%) e o sudeste para a floresta tropical úmida (18%)

---

<sup>5</sup> Embora apresentem sentidos diferentes, termos como bioma, domínio e ecossistema são utilizados em referência a uma área do espaço geográfico. Optou-se aqui, no entanto, pelo uso do termo bioma por se tomar como referência a classificação do espaço brasileiro feita pelo IBGE, que o entende como “um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria” (IBGE, 2004).

(ALCOFORADO, 2003). No mapa dos biomas brasileiros (IBGE, 2004) pode-se observar a distribuição desses tipos de vegetação no território baiano (Figura 1).

Figura 1 – Biomas brasileiros.



Fonte: IBGE, 2004.

### *O Bioma Cerrado*

Localizado no Planalto Central do Brasil, o Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul. No seu espaço territorial encontram-se as nascentes das maiores bacias hidrográficas do continente: Bacia Platina, Bacia do São Francisco, Bacia Araguaia-Tocantins e Bacia Amazônica. O elevado potencial aquífero, que faz com que seja conhecido como “berço das águas”, favorece a rica biodiversidade do Cerrado.

Na diversidade paisagística desse bioma, destacam-se os domínios dos palmeirais, com suas mais variadas espécies, principalmente a espécie buriti (*Mauritia vinifera*), considerada pelo escritor Guimarães Rosa como o monumento do Cerrado. Exuberantes na paisagem, os palmeirais contribuíram para o processo de ocupação da região, sendo importantes, como afirmam Bastos e Ferreira (2010), para a formação da

identidade do homem do campo que, geralmente, dependia deles como fonte de alimentação e como matéria prima para a construção de seus abrigos.

Apesar do reconhecimento de sua importância biológica, depois da Mata Atlântica, o Cerrado é o bioma brasileiro que mais sofreu alterações com a ocupação humana, iniciada com a entrada das Bandeiras ao centro do Brasil no séc. XVIII em busca de riquezas minerais. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (O BIOMA...), estima-se que 20% das espécies nativas e endêmicas já não ocorram em áreas protegidas e que pelo menos 137 espécies de animais que ocorrem no Cerrado estão ameaçadas de extinção.

### *O Bioma Caatinga*

Considerado como um bioma genuinamente brasileiro, a Caatinga apresenta um conjunto de vegetação exclusivamente nacional, envolvendo oito estados da Região Nordeste, além do norte de Minas Gerais, uma área marcada por clima semiárido e chuvas irregulares. Na Bahia, como afirma Evangelista (2011), a Caatinga ocupa 274 mil km<sup>2</sup>, abrangendo 258 municípios, sendo considerada uma das áreas mais ricas em espécies vegetais em comparação ao que se verifica ao norte do rio São Francisco.

Os extremos climáticos registrados no semiárido, não observados em outras regiões do Brasil, contribuem para estigmatizar o bioma como inóspito e com baixa diversidade biológica (LEAL *et al.*, 2003). No entanto, contrariando essa visão, a Caatinga apresenta uma surpreendente diversidade de ambientes naturais, traduzida em um mosaico de tipos de vegetação, predominantemente herbácea e rasteira (SILVA *et al.*, 2008). Essa vegetação sustenta a economia da região, especialmente voltada para a exploração de lenha e carvão vegetal para fins energéticos, que, juntamente com a prática das queimadas, é a principal responsável pela degradação ambiental generalizada do bioma.

É importante destacar também as consequências do processo histórico de povoamento e ocupação da região Nordeste no bioma Caatinga. Marcado pela substituição de espécies vegetais nativas por cultivos e pastagens com variedades exóticas, esse processo tem provocado uma alteração significativa nos ecossistemas do bioma e ameaçado de extinção espécies que não são encontradas em nenhuma outra região do planeta.

### *O Bioma Mata Atlântica*

Uma das regiões mais ricas do mundo em biodiversidade, o bioma Mata Atlântica envolve um conjunto de formações florestais e ecossistemas associados, como as restingas, manguezais e campos de altitude. Estendendo-se originalmente por aproximadamente 1.300.000 km<sup>2</sup> em 17 estados do território brasileiro, dos quais 14 são costeiros, a Mata Atlântica atualmente tem a sua vegetação nativa reduzida a cerca de 12,4% de sua cobertura original (MENEGASSI, 2020).

A redução da vegetação natural é consequência dos impactos sofridos por esse bioma, desde a chegada do colonizador europeu ao Brasil: interferência dos sucessivos ciclos de exploração econômica, como a extração de pau-brasil, a plantação da cana-de-açúcar e do café, e a busca do ouro, além das expansões urbana e agroindustrial desordenadas. No entanto, mesmo reduzida, a variedade de espécies vegetais desse bioma é reconhecidamente maior do que a de alguns continentes.

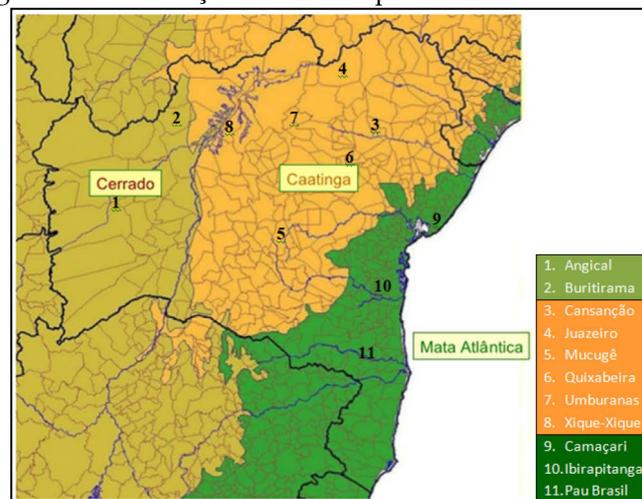
Considerada como um *hotspot* mundial, ou seja, uma das áreas mais ricas em biodiversidade e mais ameaçadas do planeta, o bioma Mata Atlântica abriga mais de 15 mil espécies de plantas, dentre elas o pau-brasil, considerada, pela lei n. 6607, de 7/12/78, a Árvore Nacional, por seu valor histórico e simbólico (RAMOS, 2011).

### 3 Fitotopônimos: a vegetação como causa nominativa

Tomando por base o modelo taxionômico (DICK, 1990) composto por vinte e sete taxes que refletem a diversidade da realidade brasileira, identifica-se como fitotopônimos os designativos de lugar que, classificados como de natureza física, refletem a visão do nomeador em relação à cobertura vegetal, um dos elementos do quadro natural de maior susceptibilidade à intervenção do homem. Concorda-se assim com Dick ao considerar que um topônimo tem mais valor para um estudo científico “quando a espécie por ele lembrada se encontrar em conjunção à área geográfica de sua ocorrência e, mais ainda, quando se tratar de um tipo florístico já extinto (DICK, 1990, p. 196).

Nessa perspectiva, expõe-se, neste artigo, o resultado do estudo desenvolvido com 11 fitotopônimos inseridos nos três biomas do território baiano, como exposto no mapa apresentado (Figura 2). Os topônimos selecionados derivam-se diretamente de nomes de espécies vegetais conhecidas, representadas em sintagmas toponímicos simples e compostos (Cansanção, Pau Brasil), tanto na forma singular (Juazeiro) quanto pluralizada (Umburanas). O *corpus* também envolve formas derivadas por sufixação (Quixabeira) e resultantes do processo de composição por aglutinação característico da língua tupi (Buritirama).

Figura 2 – Localização dos municípios dentro de cada bioma.



Fonte: TIMMERS, 2010. Adaptado pelas autoras.

A análise lexical-etimológica realizada é apresentada a seguir, considerando a localização no bioma no qual os municípios se encontram. Para fins de exposição, optou-se por listar os fitotopônimos em negrito, seguidos, após dois pontos, da definição e origem linguística do topônimo encontradas nas seguintes obras lexicográficas: CUNHA (2013), GREGÓRIO (1980), HOUAISS (2001), NAVARRO (2013), SAMPAIO (2014) e TIBIRIÇÁ (1985). Em sequência, apresentam-se dados consultados em endereços eletrônicos de órgãos oficiais, como o do Ministério do Meio Ambiente e o da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e em obras técnicas acerca dos biomas e dos recursos vegetais, tais como: ARAÚJO *et al.* (2015), BASTOS; FERREIRA (2010), CORTOPASSI-LAURINO (2009), DANTAS *et al.* (2014), RAMOS (2011), RÊGO; HOEFLICH (2001), SÁTIRO; ROQUE (2008), SILVA *et al.* (2004) e SILVA *et al.* (2003), que relacionam a espécie vegetal ao ambiente físico onde o município se insere.

#### CERRADO:

**Angical:** extenso aglomerado de angicos. Forma híbrida do tupi *anjyca* ‘espécie de acácia brasileira’, acrescido do sufixo português *al*. Árvore do gênero *Anadenanthera*, da família das leguminosas, o angico (*Anadenanthera peregrina*) é uma árvore nativa, principalmente, das matas de transição para o Cerrado, mas também está presente na Caatinga.

**Buritirama:** região de buritis. Do tupi *meriti* (*'yba*); *etama* ‘região de palmeiras’. A palmeira buriti (*Mauritia Vinifera* Mart.) habita terrenos alagáveis, sendo encontrada com muita frequência nas veredas, importante fitofisionomia do Cerrado. Considerada como monumento do Cerrado, é um indicativo infalível da existência de água na região.

#### CAATINGA:

**Cansanção:** arbusto urticante da família das euforbiáceas, de etimologia obscura. A família *Euphorbiaceae* é a segunda família mais representativa da Caatinga em número de espécies. A *Cnidocolus urens* é conhecida popularmente como cansanção, arre-

diabo, urtiga e urtiga-cansação. É uma planta invasora, principalmente de pastagens, beira de estradas e terrenos baldios.

**Juazeiro:** árvore da família das ramnáceas. Forma híbrida do tupi *yú-á* 'juá, fruto espinhoso', acrescido do sufixo português *eiro*, 'pé de juá'. O juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.) é uma planta típica do semiárido nordestino, onde está localizada a Caatinga, um bioma exclusivamente brasileiro. Apresenta raízes pivotantes que possibilitam a obtenção de água do subsolo, o que faz com que permaneça verde até em períodos de longas secas, fornecendo sombra aos viajantes.

**Mucugê:** Planta da família das apocináceas. Do tupi *mukuê*, plantas que fornecem látex adocicado; 'coisa de comer doce ou agradável'. O Mucugê (*Couma rígida* Mull. Arg.) ocorre nas matas ciliares da Caatinga em altitudes mais elevadas. Seus frutos são comercializados *in natura* na época de frutificação.

**Quixabeira:** árvore da família das sapotáceas, nativa do Brasil. Forma híbrida do tupi *kessaba* 'pouso, lugar de dormir', acrescido do sufixo português *eira*. A quixabeira (*Syderoxylon obtusifolium*), espécie ameaçada de extinção no ecossistema Caatinga, é também conhecida por rompe-gibão, certamente devido aos seus espinhos agressivos. Apresenta grande importância por suas propriedades medicinais e pelo uso na indústria madeireira.

**Umburanas:** planta da família das burseráceas, natural do sertão do Brasil. Do tupi *imbu* (*mbo*) 'dar água'; *rana* 'semelhante ao umbu', acrescido do morfema de número plural *s*. Em virtude do potencial terapêutico e madeireiro, que expõe as plantas nativas a um extrativismo intensivo ao longo de vários anos, a *Amburana cearensis*, também conhecida como amburana e imburana, corre risco de ser extinta, de acordo com levantamento feito pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN).

**Xique-Xique:** planta da família das cactáceas, nativa da caatinga. De origem onomatopaica tapuia, 'chocalho', o mesmo que ganzá. Em razão das incertezas climáticas e do fenômeno das secas periódicas no Nordeste do Brasil, o xiquexique (*Pilosocereus Gounellei*), graças a sua abundância e características fisiológicas de conservação e economia no uso da água, representa uma fonte de suprimento de água e uma alternativa alimentar para os rebanhos do semiárido.

#### MATA ATLÂNTICA:

**Camaçari:** planta da família das ternstremiáceas. Do tupi *kamasary* (*kama* 'seio', *esá* 'olho', *y* 'líquido') 'líquido do olho do seio', espécie de árvore combretácea que produz

líquido branco resinoso. Camassary (*Caraipa densifolia* Mart.), árvore nativa da Mata Atlântica, já quase extinta, é também conhecida como a “árvore que chora”, devido às gotículas que cobrem as folhas da vegetação no período da noite.

**Ibirapitanga:** pau-brasil. *Caesalpinia echinata* Lam. Do tupi *ybyrá* ‘pau’; *pytang* ‘rosado’, o ‘pau-brasil’. Nome como os nativos denominavam o pau-brasil, árvore nativa das partes mais secas da floresta pluvial atlântica, com maior abundância no sul da Bahia. Seu cerne, que varia de coloração castanho alaranjado ao vermelho escuro foi, desde o início da colonização portuguesa, alvo da primeira grande exploração econômica de recurso natural em território brasileiro.

**Pau Brasil:** árvore *Caesalpinia echinata* Lam. que habitava o litoral brasileiro e hoje bastante rara. *Pau*, do latim *pālus* ī ‘qualquer pedaço de madeira’; *Brasil*, de origem controversa, designação com que os portugueses nomeavam os indígenas do Brasil (e a sua língua). Originária da Mata Atlântica, a árvore pau-brasil, a ibirapitanga dos nativos, foi intensamente explorada durante o ciclo econômico do pau-brasil, o que resultou na devastação da floresta original e em sua quase extinção, sendo atualmente protegida pela Portaria n.37-N, de 3 de abril de 1992, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). É considerada, pela lei n.6607, de 7/12/78, a Árvore Nacional, por seu valor histórico e simbólico.

#### 4 Considerações finais

O homem sempre foi ligado à existência das árvores, símbolos da vida e do conhecimento<sup>6</sup>, e sempre explorou seus recursos, tanto como fonte de alimentação e tratamento dos males físicos quanto na construção de moradias para a sua proteção. E essa ligação se reflete no processo de nomeação de acidentes físicos e humanos, como este estudo procurou mostrar. Entende-se assim o número significativo de fitotopônimos identificados na toponímia da Bahia e a sua forte relação com o ambiente geográfico em que se inserem.

Trazer à lembrança o frondoso juazeiro que acolheu em sua sombra os cansados viajantes durante o processo de ocupação das terras da Bahia, normalmente precedido

---

<sup>6</sup> A representação da árvore como símbolo da vida e do conhecimento está presente em várias culturas e religiões. Na Bíblia, Deus colocou no centro do jardim do Éden duas árvores especiais: a “Árvore da Vida” e a “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal”.

pela retirada da vegetação, comprova a importância da pesquisa toponímica para a reconstituição do passado e compreensão do presente, contribuindo assim para a preservação das espécies vegetais que influenciaram o processo nominativo do seu espaço e estão hoje ameaçadas de extinção.

### Referências Bibliográficas

ALCOFORADO, F. **Os Condicionantes do Desenvolvimento do Estado da Bahia**. 2003. Tese (Doutorado em Planificación Territorial y Desarrollo Regional) Universidade de Barcelona. Disponível em: [https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1944/6.TERRITORIO\\_SOCIEDADE\\_ESTADO\\_BAHIA.pdf?sequence=1](https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1944/6.TERRITORIO_SOCIEDADE_ESTADO_BAHIA.pdf?sequence=1). Acesso em: 25 maio 2019.

ARAÚJO, H. R.; CASTRO FILHO, E. S.; SANTANA NETO, J. A. Potencial das cactáceas como alternativa alimentar para ruminantes no semiárido. **Revista Eletrônica Nutritime**. v. 12, n. 06, nov/dez, 2015. ISSN: 1983-9006. Disponível em: [http://www.nutritime.com.br/arquivos\\_internos/artigos/344 - 4426-4434 - NRE 12-6 nov-dez 2015.pdf](http://www.nutritime.com.br/arquivos_internos/artigos/344 - 4426-4434 - NRE 12-6 nov-dez 2015.pdf). Acesso em: 25 maio 2019.

BASTOS, L. A.; FERREIRA, I. M. Composições fitofisionômicas do bioma Cerrado: estudo sobre o subsistema de Vereda. **Espaço em Revista**. vol. 12, nº 1, jan/jun., p. 97-108, 2010.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CORTOPASSI-LAURINO. M. Ibirapitanga ou Pau-Brasil, árvore nacional do Brasil. **Mensagem Doce**. n. 100, mar. 2009. APACAME, Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.apacame.org.br/mensagemdoce/100/artigo11.htm>. Acesso em: 25 maio 2019.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DANTAS, F. C. P.; TAVARES, M. L. R.; TARGINO, M. S.; COSTA, A. P.; DANTAS, F. O. *Ziziphus joazeiro* Mart. - Rhamnaceae: características biogeoquímicas e importância no bioma Caatinga. **Revista Principia: Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**. Nº 25. João Pessoa, p. 51-57, dezembro 2014. Acesso em: 25 maio 2019. DOI <https://doi.org/10.18265/1517-03062015v2n25p51-57>

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p. 141-155, I semestre de 2007. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/viewFile/965/828>. Acesso em: 25 maio 2019.

EMBRAPA. **Umburana ou cumaru**: Embrapa estuda técnica para conter ameaça de extinção. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. 2012. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1805946/umburana-ou-cumaru-embrapa-estuda-tecnica-para-conter-ameaca-de-extincao>. Acesso em: 25 maio 2019.

EVANGELISTA, A. S. R. **O desmatamento do Bioma Caatinga no Semiárido Baiano**: uma análise ecodinâmica. VIII Encontro Baiano de Geografia/X Semana de Geografia da UESB. Vitória da Conquista/BA, 2011.

GREGÓRIO, I. J. **Contribuição indígena ao Brasil**. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. **Biomass brasileiros (mapa)**, 2004. Disponível em: <http://www.florestal.gov.br/snif/recursos-florestais/os-biomass-e-suasflorestas?print=1&tmpl=component>. Acesso em: 25 maio 2019.

ISQUERDO, A. N. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras** – Revista de História. Campo Grande – MS: Editora UFMS, p. 27-46, 1997.

ISQUERDO, A. N.; TAVARES, M. A presença indígena na fitotoponímia da região sul de Mato Grosso do Sul. **Signum** – Estudos da Linguagem. Londrina: Editora UEL, p. 127-147, 2005. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2005v8n2p127>

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. da. (ed.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003. 822 p.

MENEGASSI, D. Desmatamento na Mata Atlântica tem alta de 27,2% e mais de 14 mil hectares desflorestados. **O Eco**. 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/noticias/desmatamento-na-mata-atlantica-tem-alta-de-272-e-mais-de-14-mil-hectares-desflorestados/>. Acesso em: 05 out. 2020.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de Tupi Antigo**. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

O BIOMA Cerrado. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>. Acesso em: 25 maio 2019.

RAMOS, A. L. **Conhecendo o pau-brasil: história e biologia**. São Paulo, Núcleo Viva Ciência, 2011. Disponível em: <http://terrabilisdidaticos.com.br/images/stories/revistanucleovivaciencia/conhecendoopaubrasil.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

RÊGO, G. M.; HOEFLICH, V. A. **Contribuição da pesquisa florestal para um ecossistema em extinção: Floresta Atlântica do Nordeste do Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2001. 80p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/371146/contribuicao-da-pesquisa-florestal-para-um-ecossistema-em-extincao-floresta-atlantica-do-nordeste-do-brasil>. Acesso em: 25 maio 2019.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

SÁTIRO, L. N.; ROQUE, N. A família Euphorbiaceae nas caatingas arenosas do médio rio São Francisco, BA, Brasil. **Acta bot. bras.** 22(1): 99-118. 2008. Acesso em: 25 maio 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-33062008000100013>

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995 [1016].

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e Onomástica. **Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_442.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf). Acesso em: 25 maio 2019.

SILVA, G. M. C.; MARTINS, P. L.; SILVA, H.; FREITAS, K. K. C. Estudo autoecológico de *Bumelia sertorium* (Quixabeira) – Espécie ameaçada de extinção no ecossistema Caatinga. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Volume 4, N. 1, 1º Semestre 2004. Disponível em: <http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/sertorium-51563480e5149.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M. Monica; FONSECA, T.; LINS, L. V. (org.) **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <http://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/biodiversidade-da-caatinga-areas-e-aco-es-prioritarias-para-a-conservacao-.pdf>. Acesso em: 25 junho 2020.

SILVA, S. **Árvores Nativas do Brasil**. v 1. São Paulo: Europa, 2013.

SOS MATA Atlântica. Fundação SOS Mata Atlântica. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/nossas-causas/mata-atlantica/>. Acesso em: 25 maio 2019.

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TIMMERS, J. F. **Cerrado baiano: Riqueza, ameaças, potencial**. 348<sup>a</sup> reunião ordinária CEPRAM. 25/11/2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/cafeicultura/cerrado-baiano-riqueza-ameaa-e-potencial-jean-f-timmers>. Acesso em: 25 maio 2019.

Artigo recebido em: 09.07.2020

Artigo aprovado em: 05.10.2020